Não

No

No

Santiago Alcázar

Resumo. O presente artigo parte de um diagnóstico recentemente publicado no jornal *O Globo*. A próxima pandemia encontrará um mundo despedaçado pelas guerras, sufocado pela mudança climática, insustentável pela fome e a pobreza, impossível pelas inequidades, quebrado pela desgovernança, perdido pela própria vontade. Quantos morrerão? É preciso dizer não à barbárie dos governos fora da lei, que agem como se não houvesse um amanhã. É preciso opor-se a matança e cobrar reparações por toda a destruição em andamento.

Resumen. *El presente artículo parte de un análisis publicado recientemente en el periódico* O Globo*. La próxima pandemia se encontrará con un mundo destrozado por las guerras, asfixiado por el cambio climático, insostenible debido al hambre y la pobreza, insoportable por las desigualdades, quebrantado por la mala gobernanza, perdido por su propia voluntad. ¿Cuántos morirán? Hay que decir no a la barbarie de los gobiernos fuera de la ley, que actúan como si no hubiera un mañana. Hay que oponerse a la matanza y exigir reparaciones por toda la destrucción en curso.*

Abstract. *This article draws on an analysis recently published in the newspaper* O Globo*. The next pandemic will find a world torn apart by wars, suffocated by climate change, rendered unsustainable by hunger and poverty, crippled by inequality, shattered by misgovernance, and lost to its own will. How many will die? We must say no to the barbarism of lawless governments that act as if there were no tomorrow. We must oppose the killing and demand reparations for all the destruction currently underway.*

"Sabe-se que a pandemia não foi apenas a circulação de um vírus entre bilhões de pessoas, que matou e deixou sequelas em milhões. Sua instalação se deveu a fatores ambientais, econômicos, sociais e políticos entrelaçados, que facilitaram sua rápida e devastadora propagação e que, lamentavelmente, permanecem assombrando o mundo".[1]

O sinal de alerta disparado pelo artigo do Doutor Buss é tão grave que se faz necessário sublinhar o óbvio. Os fatores ambientais, econômicos, sociais e políticos mencionados são produtos da vontade política e econômica das lideranças mundiais. Não são fatalidades contra as quais não há nada a fazer.

A eclosão de um vírus segue trilha marcada pela biologia. A propagação enreda a biologia com o fator humano de uma mão sobre a testa ou de um abraço apertado. Em seguida surgem as medidas de contenção e vigilância. As unidades de saúde logo ficam abarrotadas, sem insumos, medicamentos, vacinas e pessoal qualificado. Quebram-se as cadeias de suprimento. Faltam alimentos. Falta água. Transportes paralisados. Instala-se o caos. Nesse momento, em que a solidariedade poderia tornar-se lei natural, repicam velhos egoísmos incontidos pela vontade.

A cada passo decide-se isto ou aquilo. A cada passo entram em cena inúmeros fatores pessoais, culturais, sociais, econômicos, políticos, que se apoiam ou se opõem, misturados em uma confusão que ninguém pode entender em toda a sua complexa dimensão. Ainda assim, a cada passo dado bate-se na trilha dos fatores políticos e econômicos traçados pela vontade das lideranças.

A próxima pandemia poderá encontrar um mundo despedaçado pelas guerras, sufocado pela mudança climática, insustentável pela fome e a pobreza, impossível pelas inequidades, quebrado pela desgovernança, perdido pela própria vontade. Quantos morrerão?

Quantos morreram em Gaza e na Cisjordânia no genocídio cometido por Israel? Quantos mais irão morrer até alcançarem a limpeza étnica por eles desejada, não somente na Palestina, mas nos territórios adjacentes que, anexados, farão o Grande Israel? Quantos mais morrerão no Irã e no Líbano porque Israel busca a paz dos cemitérios pela força da destruição para a sua segurança? É chocante observar a cumplicidade obscena dos EUA e da Europa com a matança no Conselho de Segurança da ONU, incapaz de alcançar consenso para um cessar-fogo ou uma condenação a Israel. Talvez, como aponta Francesca Albanese, Relatora Especial da ONU para a Palestina, trata-se de "ver em Israel não uma anomalia na ordem mundial, mas o espelho no qual se descobrem as lógicas da exceção; as hierarquias coloniais entre vidas dignas de luto e as sacrificáveis; a retórica da segurança que garante a impunidade. A maioria dos países não confronta Israel porque em o fazendo comprometeriam a si próprios".[2]

Em outro plano, sanções econômicas aplicadas pelos EUA e Europa, de 1971 a 2021, mataram de fome 38 milhões de pessoas, segundo estudo conduzido pelo economista Francisco Rodrigues, da Universidade de Denver, publicado pelo The Lancet Global Health[3]. Segundo editorialista do Al Jazeera, as sanções são aplicadas como medida unilateral para "disciplinar" ou destruir países do Sul Global que ousam desprender-se do domínio ocidental, fazer o seu próprio caminho ou estabelecer soberania independente do poder hegemônico[4]. Também aqui há cumplicidade obscena. Não é possível matar 38 milhões de pessoas de fome sem o assentimento cúmplice de toda sequência de causas e efeitos assentada nas sendas abertas pela vontade política e econômica. As vítimas olham o pelotão de fuzilamento e pensam ver um mundo de fuzis apontados em sua direção.

A Carta da ONU em seu artigo 2(4) proíbe a ameaça ou uso da força contra a integridade territorial ou independência de um país. Ao longo dos 80 anos de história da ONU, são incontáveis as vezes em que essa disposição básica foi violada. O direito internacional, que garante a lei e a ordem no plano internacional – por exemplo, a segurança dos investimentos e dos empréstimos, o devido processo legal – também foi violado inúmeras vezes, mas quase sempre de maneira escondida e discreta, por debaixo do pano, como se diz, invisível aos olhos da opinião pública. Os golpes de estado e os assassinatos, afinal de contas, não seriam bem-vistos e poderiam custar caro para a imagem.

Hoje, na era dos selfies e da autopromoção, quem se importa com a imagem? A pergunta, eivada de contradição, diz algo, no entanto, sobre o nosso tempo. A profusão de selfies, ridículos na maior parte, tem menos a ver com a imagem em si do que com a manifestação da onipresença, antes somente atribuída aos deuses. Estar em toda parte, num restaurante caro, em cima de uma montanha, numa praia deserta, jogando-se de paraquedas, em um safari imitam a qualidade da onipresença e nos fazem parecidos a deuses, menores, claro está, mas deuses.

O Presidente Donald Trump não é um semideus, nem tem preocupação com a imagem, a sua ou à do país que representa. Em seu segundo mandato resolveu chutar o pau da barraca. No plano interno demitiu milhares de funcionários, cortou verbas de instituições de pesquisa, desacreditou a ciência, atacou as universidades, soltou a fúria do ICE em cima dos migrantes e de todo aquele que poderia perturbá-lo e jurou pela bíblia do MAGA. No plano externo, saiu da OMS, do Acordo de Paris, entre outros, para "proteger" os interesses norte-americanos. Ameaçou países, bombardeou o Irã com Israel, invadiu a Venezuela e sequestrou o Presidente Nicolas Maduro, bombardeou de novo o Irã com Israel, prometeu invadir Cuba de maneira amigável e reclamou que o Prêmio Nobel da Paz não lhe fora agraciado.

A Administração Trump produziu dois documentos de base: i) Estratégia Nacional de Segurança[5]; ii) Estratégia Nacional de Defesa[6]. Ambos esses documentos fazem pouco do direito internacional.

Os objetivos do primeiro são:

i) garantir a hegemonia nas áreas de IA, biotecnologia e computação quântica;
ii) garantir acesso desimpedido a recursos estratégicos;
iii) manter posição superlativa na produção de energia (petróleo);
iv) manter hegemonia financeira;
v) assegurar o domínio no Oriente Médio;
vi) manter a AL e o Caribe livre da influência ou presença "estrangeira" (China);
vii) garantir a estabilidade na região, de maneira forçada se necessários, para evitar a emigração para os EUA;
viii) manter o comércio em termos favoráveis aos EUA;
ix) reindustrialização.

Os objetivos do segundo são:

i) garantir a paz pela força;
ii) selar as fronteiras e deportar os migrantes ilegais;
iii) combater o narcoterrorismo, com ou sem a colaboração dos países envolvidos;
iv) restringir acesso a pontos estratégicos do hemisfério (Panamá, Groenlândia, Golfo do México). Aplicação da Doutrina Donroe;
v) instalar domo de ouro sobre toda a extensão do território dos EUA.

Ademais do óbvio descaso com o direito internacional incrustado nesses dois documentos, podem considerar-se as seguintes críticas:

1) Evidentemente há séria preocupação com o avanço da China. Em 2000, a economia da China era 8,5 vezes menor que a dos EUA. Hoje ela representa 2/3 da economia norte-americana – US$ 20 trilhões/ US$ 30 trilhões (o PIB da China em Paridade de Poder de Compra é maior que o americano: US$ 43 trilhões). A preocupação é ainda maior porque a 3ª economia do mundo é 6 vezes menor que a americana. Somente a China deu um salto tão grande em período tão curto. O que faz a China avançar muito mais do que os outros?
2) Restringir ou dificultar outros países a recursos estratégicos elevará as tensões e poderá gerar conflitos de dimensão desconhecida.
3) Ainda que a economia dos EUA seja consideravelmente maior que as outras e que o dólar mantém posição privilegiada no mercado é preciso considerar que a

hegemonia energética norte-americana se baseia em combustíveis fósseis. Péssima notícia para as políticas que visam redução de emissão de gases de efeito estufa.

4) A economia norte-americana é indiscutivelmente a maior e a mais resiliente entre as economias. O dólar continua a ter posição dominante em todos os mercados. Há, no entanto, uma crise. A dívida hoje supera os US$ 38 trilhões, 125% mais que o PIB. Trump diz que expandirá o gasto em defesa, elevando a soma em US$ 1,5 trilhões. Analistas pensam que esse aumento representará um aumento de US$ 5,8 trilhões à atual dívida. Os juros da dívida consomem, por ano, aproximadamente 15% do gasto do Governo, atrás apenas da Social Security. A dívida exorbitante causa incerteza e desconfiança entre investidores. É difícil imaginar como Trump poderá levar adiante as suas estratégias com uma economia tão comprometida. É interessante observar que o ataque combinado EUA/Israel na operação Epic Fury não tenha produzido corrida ao dólar. Desconfiança com a moeda norte-americana?

5) O Conselho de Paz, proposto por Trump para a Palestina é a instrumentalização do desejo de deixar para trás o Conselho de Segurança da ONU. O Conselho, como se sabe, não inclui a Palestina nem faz, entre os seus objetivos, qualquer referência a solução de dois Estados. Paz por meio da força apenas prolongará o conflito.

6) Soa anacrônico o anúncio do Corolário Trump para a América Latina.

7) Trump somente quer deter a emigração em massa aos EUA. Não está interessado com a promoção da democracia na região ou no mundo. Venezuela e Irã vêm à mente.

8) Regime de comércio que favoreça primordialmente os EUA é algo estapafúrdio.

9) A reindustrialização dos EUA tem mais de desejo do que de factibilidade

A pandemia que virá encontrará um mundo despreparado, não há dúvida. Em relação ao projeto de Tratado sobre Pandemias, da OMS, o instrumento que permitirá que, de forma coletiva todos estejam melhor preparados contra futuras ameaças pandêmicas e se evitem os erros do passado com a Covid-19, pesa o pesado obstáculo da oposição dos grandes laboratórios com o PABS, siglas em inglês para o mecanismo institucional que pode garantir o acesso livre e desimpedido aos patógenos e amplo compartilhamento dos benefícios. Os grandes laboratórios querem os patógenos, mas recusam-se a serem obrigados a compartilhar o benefício do monopólio sobre os patógenos. Argumentam que o mecanismo deveria restringir-se a eventual compartilhamento voluntário. Recusam, ademais, serem obrigados a transferir para a OMS 20% da produção de vacinas. Tudo deve ser feito de maneira voluntária. Não há dúvida que os laboratórios propõem a fórmula para repetir os erros do passado, quando pequeno percentual das vacinas foi encaminhada aos países em desenvolvimento e, de maneira cruel, à África[7].

O que fazer quando tudo parece desmanchar-se no ar? Multilateralismo despedaçado, direito internacional atropelado, ameaça e uso da força de maneira gratuita para servir interesses escusos, plano para tornar real o Grande Israel, com anexações para expandir o território, à semelhança das 13 colônias norte-americanas, ascensão do cristianismo-sionista.

Dizer não. Opor-se à loucura dos que traçaram essas trilhas da vontade política e econômica. Sancionar. Cobrar reparações. Nunca compactuar. Fortalecer a Assembleia Geral das Nações Unidas, o único foro universal onde atuam todos os integrantes do G-77+China, BRICS, G-20, etc., com legitimidade para contrapor-se à demência dos que permitiram que chegássemos até aqui pelas trilhas traçadas pela vontade política e econômica. É preciso dizer não e resistir a todos aqueles que se opõem à vida de maneira tão bárbara.

Referências

1. Jornal *O Globo*. Buss, Paulo M., *Mundo está despreparado para uma próxima pandemia*, Edição do dia 11/03/2026, pág. 2.

2. Albanese, Francesca. Anatomie d'une diffamation. Réponse à mes détracteurs. Disponível em: https://www.monde-diplomatique.fr/2026/03/ALBANESE/69365.

3. Rodríguez F, Rendón S, Weisbrot M. *Effects of international sanctions on age-specific mortality: a cross-national panel data analysis.* The Lancet Global Health, 13, e1358-e1366. Disponível em: https://www.thelancet.com/journals/langlo/article/PIIS2214-109X(25)00189-5/fulltext

4. Hickel, J., Sullivan D, Tayyab O. *US and EU sanctions have killed 38 million people since 1970*. Disponível em: https://www.aljazeera.com/opinions/2025/9/3/us-and-eu-sanctions-have-killed-38-million-people-since-1970

5. The White House. National Security Strategy of the United States of America. November 25. Disponível em: https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2025/12/2025-National-Security-Strategy.pdf

6. US Department of War. National Defense Strategy. 2026 NDS. Disponível em: https://media.defense.gov/2026/Jan/23/2003864773/-1/-1/0/2026-NATIONAL-DEFENSE-STRATEGY.PDF

7. United Nations. Regional Information Centre of Western Europe. *Guterres calls failure to share vaccines a "moral outrage"*. 22 fev. 26. Disponível em: https://unric.org/en/guterres-calls-failure-to-share-vaccines-a-moral-outrage/